

**POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA NO LIVRO DIDÁTICO
HISTÓRIA**

**FOR AN ENVIRONMENTAL EDUCATION: REPRESENTATIONS OF NATURE IN THE
HISTORY TEXTBOOK**

*Alexandra Lima da Silva*¹

*Tulasi Krishnadasi dos Santos Branco*²

RESUMO: O presente trabalho procura analisar a representação de natureza no livro didático *História*, adotado em uma das maiores e mais antigas escolas de Cuiabá-MT. Objetiva compreender os livros didáticos como uma fonte privilegiada para compreensão da forma como a "questão ambiental" é trabalhada por professores de história. Foram realizadas entrevistas com professores, bem como, uma investigação sobre a definição da representação de natureza no livro didático *História*. A pesquisa concluiu que ainda há muito que se fazer no sentido de promover uma educação ambiental também nas aulas e nos livros didáticos de história. São necessários investimentos e políticas públicas no âmbito da formação inicial e continuada de professores, gestores e autores de materiais didáticos.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Livro didático. História Ambiental. Ensino de História.

ABSTRACT: This paper analyzes the representation of nature in the textbook called History, adopted in one of the largest and oldest schools in Cuiabá. It aims at understanding the textbooks as a prime source for understanding how the "environmental issue" is created by history teachers. An inquiry into the definition of the representation of nature in textbook history interviews were conducted with teachers. The research concluded that there is still much to be done to promote environmental education in the classroom and also in the textbooks of history. Investments and public policies in initial and continuing training teacher, managers and authors of textbooks.

Keywords: Environmental Education. Textbook. Environmental History. Teaching of History. Teacher Formation.

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bacharel, licenciada e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, é professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

² Graduada em História da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Diretora do Museu de Arte Sacra de Mato Grosso.

Introdução

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida
(DIAS, 1847)*

Canção de exílio é um famoso poema de Gonçalves Dias, escritor nascido no século XIX que se dedicou à poesia e ao ensino de história, uma vez que lecionou história no Colégio Pedro II, tendo escrito o livro didático *História Pátria*. A natureza era musa inspiradora do professor poeta do século XIX e esteve presente em muitos de seus escritos. Todavia, qual é o lugar da natureza nas aulas de aulas de história nos dias de hoje? Seria musa inspiradora, como foi para Gonçalves Dias ou seria, figurante apagada?

De acordo com a lei 9.795 que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, a temática deve ser desenvolvida no âmbito da formação dos educadores, em todos os níveis e modalidades de ensino, uma vez que “entende-se por educação ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando”: educação básica (educação infantil, ensino fundamental e médio); educação superior, educação especial, educação profissional e educação de jovens e adultos³.

A Educação Ambiental está sendo incorporada na educação como tema transversal. Tal temática é abordada principalmente pelos professores de biologia e geografia, áreas em que o meio ambiente e a natureza é mais trabalhado. Entretanto, como a natureza é representada nas aulas de história? Como os estudos de história se aproximam das questões ambientais? Qual a representação de mundo natural presente nos livros didáticos História? Porque a “questão ambiental” também pode ser considerada como um problema específico da formação do professor de História? Compreendemos que os livros didáticos são fundamentais para compreensão da representação de natureza no âmbito do ensino de história.

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

Inicialmente, foram selecionadas duas escolas: a primeira foi a Escola Estadual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Muller”, escola centenária, localizada no centro de Cuiabá, sendo uma das principais escolas estaduais de Cuiabá, a outra é uma região periférica, a Escola Estadual de 2º Grau André Avelino Ribeiro. Durante as entrevistas com os professores dessas escolas mencionaram os livros didáticos utilizados por eles em sala de aula, disponibilizando um exemplar para a pesquisa, o livro “História” dos autores Gislaíne Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, da editora Ática. A partir da análise de referido livro, procuramos analisar a representação de natureza e a estratégia de educação ambiental utilizada pelos autores.

Além da análise de livro didático, foram realizadas entrevistas com os professores de história da Escola Estadual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Muller”. A partir do relato dos professores, observa-se que a presença da questão ambiental ainda é bastante tímida nas aulas de história.

1. Por uma história ambiental

Entendemos que a história ambiental deve propiciar uma interação entre sociedade e natureza, uma construção de uma nova memória social em que os seres humanos fazem parte da natureza. (SOARES; NOVICK, 2006)

Donald Worster (1991) em seu artigo “Para Fazer a História Ambiental” afirma que a criação da história ambiental foi, portanto, inspirado em uma preocupação ética e com fortes compromissos políticos, conforme foi havendo um amadurecimento voltou-se para as atividades acadêmicas, sendo estudado como os seres humanos foram afetados pelo ambiente em que vivem e como inversamente eles afetaram esse ambiente e os seus resultados. Tanto os historiadores estadunidenses como os franceses começaram a se preocupar com as questões ambientais. O material utilizado pelos historiadores ambientais como fontes e metodologia, em grande parte, esteve durante muitos anos ao alcance desses estudiosos, agora apenas reorganizados e utilizados de formas específicas nos estudos.

A partir dos protestos dos ambientalistas e dos estudos científicos indicando as consequências ambientais da ação antrópica, às instituições governamentais começaram a responder às pressões, realizando conferências sobre a questão ambiental e assinando tratados cujo objetivo é amenizar as consequências do modo de vida capitalista e industrial, como a Conferência de Estocolmo, em 1972. Após a oficialização da preocupação com a questão ambiental pelos órgãos governamentais, diversos projetos foram e estão sendo desenvolvidos para a preservação da natureza e redução dos impactos ambientais. Até mesmo as empresas privadas utilizam atualmente de um discurso ambiental em seus projetos de responsabilidade social e principalmente em suas propagandas. Assim sendo, observamos que a questão ambiental circula atualmente em todos os âmbitos da sociedade. O historiador estuda o passado. Mas elabora suas questões no presente. E por isso não ficaram indiferentes a tais questões, daí surgir a "História Ambiental", termo criado nos Estados Unidos da América por volta da década de 1970, segundo o historiador Donald Worster (1991), é o que veremos adiante.

A história ambiental utiliza dos seguintes níveis para seu principal funcionamento:

Em três níveis funciona a nova história: O primeiro trata o entendimento da natureza propriamente dita; o segundo introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente; por fim vem o tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza (WORSTER, 1991, p. 5).

A História Ambiental está se disseminando entre os historiadores, afinal o historiador estuda o apenas o passado, mas ele não está desconectado do presente e futuro, em especial quando parece que o futuro da espécie humana está em jogo. A história ambiental iniciou nos EUA, em torno da fundação da "Sociedade Americana de História Ambiental" e da revista *Environmental History*, foi construindo uma nova linha de pesquisa e ligada a várias outras áreas de conhecimento, acompanhando as discussões sobre o desenvolvimento e o meio ambiente.

De 1970 pra cá a temática ambiental entrou é concebida como um transversal, sendo abordada pelas disciplinas convencionais em seus conteúdos e objetivos, procurando estabelecer uma interdisciplinaridade entre as áreas de conhecimentos, incluindo história. Durante a década de 1990, com o crescimento dos debates em relação à educação ambiental, o ensino de história manteve-se distante dos temas ambientais, voltados para as disciplinas de ciências e geografia. Há déficits na formação de professores com conhecimento na temática ambiental, utilizando ainda dos livros didáticos como sua única referência (CARVALHO, 2010).

A professora Lucie Sauv  (2005), em sua cartografia das correntes de educa o ambiental, apresenta quinze correntes referentes a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa o ambiental; dentre as quais destaca: Naturalista; Conservacionista/Recursista; Resolutiva; Sist mica; Científica; Humanista; Moral/ tica. E outras correntes com preocupa es mais recentes: Holística; Biorregionalista; Prática; Crítica; Feminista; Etnográfica; da Ecoeduca o; da Sustentabilidade. A autora apresentou as correntes em fun o dos seguintes parâmetros: concep o dominante do meio ambiente; intera o central com a Educa o Ambiental; enfoques privilegiados; exemplos estratégicos ou modelos que ilustram as correntes.   preciso salientar que o referido trabalho foi desenvolvido em um contexto norte-americano e europeu, não integrando muito os trabalhos dos educadores da América latina e nem de outros contextos culturais.

2. Livros didáticos e questão ambiental: balanço de uma produ o

No âmbito da produ o acad mica, alguns estudos se destacam por analisar a problemática ambiental em livros didáticos, evidenciando significativo aumento nas preocupa es relacionadas   educa o ambiental.

Muitos são os caminhos e abordagens para se explorar o universo dos livros, em suas muitas nuances e possibilidades. Especificamente em rela o aos trabalhos sobre livros didáticos de História, muitas são as perspectivas e correntes teóricas que se propõem a pesquisá-los, num processo onde diariamente surgem novos trabalhos, com importantes contribui es para o debate. Dentre tal

produção, destacam-se alguns trabalhos que se aproximam do objeto por ora apresentado neste artigo.

Circe Bittencourt analisou a construção do saber escolar em livros didáticos de História referentes ao período da criação das primeiras escolas públicas elementares e secundárias até os anos iniciais da República. Aludindo a toda produção nacional, seu trabalho é uma importante contribuição, sobretudo por perceber o objeto em suas múltiplas dimensões, apontando para as articulações entre Estado e mercado editorial e para a complexidade dos domínios que envolvem o livro: mercadoria/ instrumento de ensino/ veiculação de ideias e valores pedagógicos (BITTENCOURT, 1993). Recentemente, a referida autora fez um balanço das trajetórias de pesquisas sobre a produção didática, evidenciando um crescimento das investigações sobre a temática, indicando os diferentes lugares institucionais em que são produzidas as pesquisas (BITTENCOURT, 2011, p. 487). Em 2012, Kazumi Munakata também empreendeu um balanço das pesquisas sobre livros didáticos, destacando o grande crescimento de tais estudos nas últimas décadas (MUNAKATA, 2012, p. 181).

Deste modo, há trabalhos que procuram explorar o lugar da educação ambiental na produção didática brasileira. Santos (2008), investiga livros didáticos das disciplinas História, Língua Portuguesa, Geografia e Ciências. Para a referida autora, a produção didática “caminha na direção da formação do cidadão ambiental”(SANTOS, 2008, p. 66). Acrescenta que:

Lidar com educação ambiental implica tanto em resgatar como em construir valores, seja nas múltiplas relações no âmbito escola/comunidade, seja na eleição/construção dos conteúdos dos livros-texto, seja na própria política que envolve o livro didático brasileiro – tarefa complexa e difícil, mas não impossível (SANTOS, 2008, p. 66).

Por sua vez, Marpica (2008) verifica em seu estudo, como a transversalidade se dá nas escolas, a partir da análise de livros didáticos de diferentes disciplinas. Especificamente sobre a questão ambiental em livros didáticos de história, destacamos alguns trabalhos. Na perspectiva de Soffiati (1990), a produção didática de história da década de 1970 produziu um esquecimento: “o das relações entre sociedades humanas e a natureza” (SOFFIATI, 1990, p. 44). Para o autor, a disciplina história ignora a natureza pelo

“caráter excessivamente antropocêntrico e sociocêntrico dos sistemas filosóficos ocidentais”, em que a “natureza foi reduzida ao espírito ou a história, deixando de ter existência real” (SOFFIATI, 1990, p. 44).

Almeida (2005) procurou compreender a difusão do conhecimento científico sobre meio ambiente nos livros didáticos de história. Mais especificamente pensando o ensino de história e a temática ambiental, CARVALHO (2012), adverte que é preciso que se efetue uma abordagem diacrônica para entender “o processo pelo qual a atual questão ambiental se insere nas práticas e representações de história”(CARVALHO, 2012, p. 107). Para o referido autor, os problemas que os professores de história enfrentam para aplicar temas transversais como a questão ambiental em sala de aula são frutos da tradição ocidental de separar “sociedade e natureza”.

3. Representações da natureza no livro didático “História”

Durante a pesquisa foi analisado o livro didático adotado pela Escola Estadual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”. Trata-se do livro “História”, dos autores Gislaine Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, da editora Ática. De acordo com página da editora na internet⁴, Gislaine Campos de Azevedo é “mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora universitária, pesquisadora e ex-professora de História dos ensinos Fundamental e Médio das redes pública e particular de ensino”. Por seu turno, Reinaldo Seriacopi é “bacharel em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e em Jornalismo pelo Instituto Metodista de Ensino Superior. Editor especializado na área de História”. O livro *História* foi publicado em volume único voltado para o Ensino Médio, com primeira edição no ano de 2005. Já a editora Ática foi fundada em 1965 e desde os anos de 1970, destaca-se na produção de livros didáticos:

⁴ <http://sites.aticascipione.com.br/historia/gislaneereinaldo/apresentacao.asp>

É responsável pela publicação de livros didáticos e paradidáticos, de literatura em geral, de literatura infantil e juvenil, além de livros universitários e de interesse geral. Com grande inserção no campo educacional, a Ática singulariza-se por suas conexões com escolas, professores e alunos e por sua vocação didática e paradidática (BORELLI, 2004, p.1).

Segundo uma das professoras entrevistadas na escola, o livro foi indicado à escola e professores em uma capacitação organizada pela SEDUC (Secretaria de Estado de Educação), onde, os autores participaram e falaram do livro. “Nós tivemos uma capacitação [...] Essa foi a SEDUC que deu, e trouxe a autora e o autor, trouxe aqui, e aí várias escolas optaram por adotar este livro [...]” (SOUZA, 2009).

Na perspectiva de Andréia Soares e Victor Novicki (2006) os estudos feitos com os livros didáticos indicam que os professores têm pouco conhecimento na temática ambiental e os livros didáticos de história não abordam muito sobre o tema, apenas algumas coisas citando as conferências internacionais. Os autores observaram também a relação do ser humano com a natureza, como as dimensões sociais existentes mudam dependendo das classes sociais, as influências que tem em relação ao meio ambiente. Alguns exercícios propostos a alunos abordando o tema meio ambiente, por exemplo, de se pesquisar sobre lugares longe de suas realidades, buscando entender os problemas ambientais e sociais, de modo que se percebe a dinâmica da produção da desigualdade social e degradação ambiental. Entretanto os professores e os alunos não encontram muita coisa nos livros didáticos sobre o meio ambiente, a educação ambiental ainda é muito falha no ensino regular.

E segundo a “Primeira Conferência Intergovernamental Sobre a Educação Ambiental” os documentos elaborados pelos participantes/ representantes dos Estados membros presentes, contém objetivos, funções, estratégias, características, princípios e recomendações para a Educação Ambiental. Adotando-se novas estratégias e incorporando-as ao desenvolvimento, com a utilização dos avanços das ciências e tecnologias, a educação deve desempenhar o seu papel em relação ao meio ambiente. “A Educação Ambiental deve dirigir-se a pessoas de todas as idades, a todos os níveis, na educação formal e não-formal.” (CONFERÊNCIA, 1997, p. 62) Com as recomendações em Tbilisi à educação ambiental tende em mudar em relação às mudanças da humanidade, assim, as

questões ambientais sendo colocadas como com atividades específicas e relacionadas com o meio ambiente.

A partir da análise do livro didático História, buscou-se destacar a representação de natureza e como aparece a questão ambiental. Há momentos em que os autores destacam a importância do patrimônio e que devem ser preservados e mantidos limpos; “Também é importante cuidar do patrimônio público, evitando sujar ou danificar praças, escolas e etc” (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 20).

A noção de representação é pensada a partir das contribuições de Chartier (1990), para o qual:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelas quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Este estudo indica que no único material utilizado pelos professores de história dessa escola pouco aborda as questões ambientais, porém, pode-se observar que a representação da natureza é enfatizada nos tópicos relacionados à evolução das principais civilizações antigas no mundo, em seu modo de produção que era basicamente a agricultura, através das ilustrações daquela época.

Levados para o acampamento, onde eram moídos e cozidos, muitos desses grãos de cereais caíam acidentalmente no solo e é provável que as pessoas tenham percebido que, com o tempo, eles germinavam. Segundo alguns estudiosos, foi dessa maneira que o ser humano aprendeu a cultivar a terra (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p.13).

Em alguns lugares os homens começaram a derrubar árvores e a preparar o terreno para o plantio. Para isso, desenvolveram novas ferramentas de pedra, sílex ou madeira, como, machados, foices, enxadas e arados. As mulheres se ocupavam da colheita (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p.14).

Quase ao mesmo tempo que o domínio da agricultura, ocorreu a domesticação de animais – cabras, ovelhas, cães, porcos, cavalos e bois (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 14).

A população dessas regiões precisava construir reservatórios para garantir água nos períodos de seca, erguer diques para controlar as cheias dos rios, abrir canais para irrigar as plantações (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 14).

A partir dos fragmentos, fica evidente como é representada a vida do ser humano em relação à natureza na pré-história, quando o homem começou a aprender a domesticação das plantas, animais e até dos rios, assim derrubando árvores para iniciar o plantio, utilizando de ferramentas rústicas, dos animais na alimentação, no transporte e no trabalho na área de plantação, e construções para controlar as cheias dos rios e a água a ser utilizada na plantação. A ausência da natureza reforça a representação moderna de que o ser humano conseguiu estar acima da natureza, no sentido de estar independente dela. Por outro lado a presença de elementos do mundo natural, em especial na história Antiga e Medieval reforça por contraposição a representação do ser humano moderno como supra-orgânico. Sobre as sociedades pré-modernas os autores afirmam:

Inicialmente cultuavam diversos deuses relacionados aos astros e a fenômenos naturais. Além disso, eram animistas, ou seja, acreditavam que objetos inanimados – uma pedra, por exemplo – também tinha alma. (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 86)

Para esses povos, o ser humano era parte integrante e não privilegiada da natureza, cabendo a ele, portanto, respeitar o equilíbrio ambiental. Animais, plantas, minerais tinham, quase sempre, caráter sagrado. (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 93)

[...] existiam animais protetores, como o crocodilo, a serpente píton e a tartaruga. (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 93)

“... acreditavam que as árvores tinham alma: quando as cortavam, faziam-lhes oferendas para apaziguá-las.” (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 93)

"... deuses menores que personificavam fenômenos da natureza e espíritos que habitavam as florestas e protegiam determinadas aldeias e clãs." (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 93).

Neste momento é mostrado como essas civilizações se relacionavam com a natureza e deuses, os autores do livro colocam em alguns trechos como se as civilizações antigas tivessem respeitando um equilíbrio ambiental e fazendo coisas para agradar seus deuses como sacrifício e oferendas, assim tendo a visão da sociedade moderna com uma representação mítica das civilizações antigas. Sendo que todas as sociedades já faziam modificações em seus ambientes, para atender as necessidades das populações, assim observando que querendo ou não as antigas civilizações causaram impactos ambientais, visto assim na atualidade com as preocupações e prevenções com o meio ambiente (DUARTE, 2005).

Ao abordar as civilizações antigas, o livro didático *História* traz elementos de educação ambiental. Há, também, em outras passagens, momentos em que é possível explorar a discussão em torno da natureza e do meio ambiente:

A região mais ocidental do Brasil é a serra do Moa, reserva ecológica onde se encontra uma das maiores biodiversidade do mundo. Esse verdadeiro paraíso ecológico pertence ao Acre, estado considerado símbolo da luta pela preservação da natureza. Na cidade de Xarupi, por exemplo, a exploração da madeira da floresta é feita de modo a não prejudicar o equilíbrio do meio ambiente. Ali viveu e morreu assassinado em 1988 o ambientalista Chico Mendes, um dos principais líderes da luta pelos direitos dos povos da floresta em nosso país (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 394).

Atualmente, o pau-brasil encontra-se ameaçado de extinção em seu habitat natural, a mata Atlântica. A situação só não é pior porque ele tem sido plantado em projetos paisagísticos desenvolvidos em parques, ruas e residências. (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 188)

Em grupos e com a ajuda do (a) professor (a) de geografia, faça uma pesquisa e escrevam um texto tendo como tema a importância das geleiras da Antártica para o equilíbrio ambiental da terra e ameaça que paira sobre ela com o aquecimento global do planeta e o buraco na camada de ozônio. (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 400)

Qual foi o impacto da expansão do café para as comunidades indígenas e para o meio ambiente? (AZEVEDO & SERIACOPI, 2008, p. 356)

Em passagens isoladas, o livro didático *História* apresenta, mesmo que timidamente, uma proposta de educação ambiental. Tal proposta pode ser enquadrada em algumas correntes ambientais tais como classificadas por Suavè. Assim, o livro se encaixa entre as correntes: Moral/ética; conservacionista/recursista.

Considerações finais: por uma educação ambiental nas aulas de história

No livro didático *História*, os autores dialogam com o passado e o presente, trazendo a realidade das civilizações para o que está acontecendo na atualidade, usando da realidade próxima dos alunos e da interdisciplinaridade, abrangendo a curiosidade e o conhecimento dos alunos.

Todavia, os estudos feitos com o livro didáticos indicam que, considerando que os professores em geral possuem pouco conhecimento sobre as questões ambientais e noções de educação ambiental (CARVALHO, 2010), os livros didáticos de história não ajudam muito – como no caso abordado, pois não abordam diretamente o tema, apenas algumas citações de conferências e outros elementos pontuais, ou seja, transmitem uma sucinta visão “socioambiental”, das dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas da temática ambiental.

Os livros didáticos muitas vezes são o único material do professor e abordam de maneira abreviada a questão ambiental. Pouco se procura levar os estudantes a uma compreensão dos problemas ambientais e sociais, de modo que o aluno perceba a interligação da dinâmica que gera os problemas sociais e ambientais. Os esforços ainda evidenciam experiências fragmentadas e muito pontuais. Ainda há muito que se fazer no sentido de promover uma educação ambiental também nas aulas e nos livros didáticos de história. São necessários investimentos e políticas públicas no âmbito da formação inicial e continuada de professores, gestores e autores de materiais didáticos.

Referências:

AZEVEDO, G. C.; SERIACOPI, R. *História*. São Paulo: Ática, 2008 (1ª edição: 2005).

BRASIL. *Ministério Da Educação. Fundação Nacional de Desenvolvimento e Educação*. Apresentação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-livro-didatico>>. Acesso em 21/08/2014.

BITTENCOURT, C. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011.

CARVALHO, E. B. de. *História Ambiental e o Ensino de História: uma difícil aproximação*. In: FANAIA, J. E. de A.; CERZER, O. M.; RIBEIRO, R. R. (Org.). *Escrita da História*. Cáceres: Editora da UNEMAT, 2010. p. 209-219.

_____. "A natureza não aparecia nas aulas de História": lições de educação ambiental aprendidas a partir das memórias de professores de História. *História Oral*, v. 1, n. 15, p. 107-129, jan.-jun. 2012.

CONFERÊNCIA Intergovernamental em Educação Ambiental. Recomendações de Tbilisi 1977. In.: FREIRE, G. D. *Educação Ambiental: Princípios e Práticas*. São Paulo: Gaia, 1993, maio de 2010.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DUARTE, R. H. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARPICA, N. S. *As questões ambientais nos livros didáticos de diferentes disciplinas da quinta-série do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2008.

MUNAKATA, K. *O livro didático: alguns temas de pesquisa*. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

WORSTER, D. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

SANTOS, M. G. de F. N. dos. Educação ambiental no livro didático brasileiro. *Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação*. UFG, v. 1, n. 30, p. 49-70, jan./jun. 2008.

SUAVÉ, L. Uma Cartografia das Correntes em Educação Ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. *Educação Ambiental: Pesquisas e Desafios*. São Paulo: Artmed. 2005. p. 17-44.

SOARES, A. de A. R.; NOVICKI, V. Educação ambiental através de livros didáticos de história do segundo segmento do ensino fundamental. In: *Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa Em Educação*, 29, 2006, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em <

<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT22-2378--Res.pdf>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2008.

SOFFIATI, A. A ausência da natureza nos livros didáticos de história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 43-56, 1990.

SOUZA, Cláudia Noêmia Cláudia Noêmia Souza: depoimento. Entrevistador: Ely Bergo de Carvalho. [7 dez. 2009]. Cuiabá, 2009.

Sites:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

<http://sites.aticascipione.com.br/historia/gislaneereinaldo/apresentacao.asp>

Recebido em 29 de novembro de 2014

Aprovado em 05 de fevereiro de 2015.